

O ÍNDIO E O NOSSO FUTURO
***Wadubari*, DE MARCOS PELLEGRINI**

Laymert Garcia dos SANTOS*

Convidado a falar aqui, eu havia proposto aos organizadores apresentar algumas considerações sobre a importância que os povos indígenas vêm assumindo em escala nacional e global, em virtude de suas relações com a biodiversidade. A crise ambiental e a certeza de que os recursos genéticos são a base a partir da qual vai se construir a próxima revolução tecnológica, isto é a revolução biotecnológica, arrancaram os povos indígenas do fundo de um passado que queríamos esquecer e superar, projetando-os para o nosso futuro. Pois está ficando evidente que aquilo que nos parecia o mais arcaico, o mais primitivo, interessa cada vez mais ao que há de mais contemporâneo. Daí a sugestão do título: *O Índio e o Nosso Futuro*.

Mas depois dei-me conta de que o evento pretendia tratar da voz do índio na Literatura Brasileira. E não resisti ao impulso de falar de *Wadubari*, o primeiro livro de Marcos Pellegrini, por se tratar de um registro único, extremamente perturbador, no qual a voz do índio soa, íntegra, através de um vetor que lhe é estranho, a língua do branco. *Wadubari* é um livro extraordinário porque realiza um feito paradoxal, quase impensável: um Yanomami que desconhece a nossa língua nos fala; e nós, que também desconhecemos a dele, somos no entanto capazes de ouvi-lo, de compreendê-lo. Como é possível?

A questão seria simples se houvesse, entre o Yanomami e o leitor, um tradutor que passasse de uma língua para outra o relato do índio sobre

* Professor Livre-docente do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Presidente da Comissão Pró-Yanomami (C.C.P.Y.).

a chegada do branco e a ruptura do seu mundo; nesse caso, estaríamos diante de um livro banal, onde o antropólogo ou o jornalista se faz presente como intermediário indispensável para que a comunicação se estabeleça. Mas não é o que ocorre. Não há tradução: um Yanomami se dirige a nós como se falasse em Português; e nós o ouvimos como se falássemos Yanomami.

O índio e o leitor se encontram portanto no território de uma língua comum, um híbrido Yanomami-Português até então inexistente. Língua ao mesmo tempo familiar e estrangeira. A forma e a sintaxe são as de sempre, Português corrente; mas a lógica e a dinâmica que as inspiram são completamente outras, desconhecidas desse idioma. O resultado é uma torção que acomete a linguagem e afeta sensivelmente o sentido usual das palavras, produzindo uma dicção indefinível, misteriosa, que faz vibrar uma fala indígena numa escritura portuguesa. Como se o espírito de um Yanomami fosse se expressando na impressão das frases que se sucedem no papel.

* * *

Wadubari é um livro mágico. A magia preside todo o processo, desde sua criação até sua recepção. Marcos Pellegrini não é um autor, na acepção que este termo adquiriu nos tempos modernos; é um parente próximo do poeta grego arcaico que não cria, mas se faz receptáculo e operador de uma criação.

Marcos Pellegrini porta a voz de um outro que vem morar no seu peito e fazê-lo escrever. *Wadubari* é um livro mágico: para entrar no seu círculo encantado, basta ler o que está escrito na Apresentação e no Prefácio.

Antes disso, porém, é preciso lembrar que **wadubari**, a palavra-título do livro, é o nome yanomami para designar urubu-rei, a maior e a

mais bonita das quatro espécies dessa ave existentes no Brasil. Como explica Divaldo Rezende (1991, p.9), **wadubari** pode enxergar seu alimento de uma grande distância, graças à sua extraordinária visão. E muitas vezes a carniça é a do próprio índio, matado direta ou indiretamente pelo nab” (o homem branco). Isto posto, vejamos o que diz a Apresentação:

Um urubu voava num quarto de dormir próximo ao aeroporto de Congonhas. Músicas de um lugar distante, na história inclusive, ecoavam no labirinto que é o cérebro. O labirinto estava cheio de monstros e abismos.

Uma pessoa pegou um pequeno gravador e sentou-se na privada. Quinze horas de conversa com a máquina interrompida somente por alguns soluços incontroláveis que teimavam em serem por demais audíveis. Só a máquina teria tanta paciência para escutar tanto.

Outra pessoa escutou e demonstrou ter uma paciência maior que a máquina que repetia várias vezes as palavras que iam sendo escritas. Os escritos foram sendo aparados, acrescentados, alinhavados ou eliminados, numa tentativa de sublimar a estupidez humana.

Os 20.000 Yanomami aparecerão como nota de rodapé no glossário de termos esquisitos. Os mortos, caso queiram, aparecerão nas entrelinhas ou nos labirintos das cabeças dos leitores (Rezende, 1991, p.7).

* * *

Assim Marcos Pellegrini resume o processo de criação do livro: um **wadubari** voando no quarto, ecos de músicas de um outro mundo, vertigem, convulsão, o jorro de um monólogo captado por um gravador. Como que em transe, **uma pessoa** torna-se operador do registro; mais

tarde, passado o momento crítico, **outra pessoa** vai pacientemente transcrever o que foi dito.

Essas pessoas são, evidentemente, duas expressões singulares da vida de Marcos Pellegrini nas quais se manifesta a exigência de uma obra, como diria Blanchot. Mas não se trata de uma obra para afirmar um eu-escritor. Com efeito, tudo se passa como se, ao contrário, houvesse um esvaziamento do eu, como se Marcos Pellegrini passasse a ser um outro, sem no entanto deixar de ser ele próprio. Como se, tomado por uma força mágica, perdesse o controle de si e, entre soluços, sofresse uma metamorfose que propicia a incorporação da voz de um Yanomami, ditando para um gravador a tragédia de seu povo. Como se **Wadubari**, o uruburei que enxerga longe, fosse um espírito yanomami que vem se alojar por um momento na mente de Marcos Pellegrini; e quando esse momento se dissipa, caberá ao indigenista a tarefa de editar o texto.

Passemos então da Apresentação ao Prefácio. É interessantíssimo notar que agora não é mais Marcos Pellegrini, e sim **Wadubari**, o espírito yanomami, quem explicita a exigência da obra:

Os nab"b" são capazes de transformar florestas em papel e sobre elas desenharem o seu pensamento para que outros possam ficar sabendo, mesmo que já não existam mais as coisas que ele desenhou, ou a própria pessoa que o fez.

Um nab" conheceu as pessoas que moravam num outro mundo - na serra - e que não conheciam a superfície de papel e nem sabiam decifrar as imagens que existem nelas...

Como existem poucos nab"b" que conhecem as pessoas da serra, aquele que as conheceu ficou querendo marcar na superfície da floresta-papel as coisas que aconteciam lá, entre as pessoas com quem ele morou durante um tempo em que choveu e os rios ficaram grandes por três vezes.

Como existem várias maneiras de desenhar um pensamento sobre as superfícies - e muitos desenhos-palavras que não

são todos que sabem o que significa - ele queria marcar de uma que todos fossem capazes de entender. Mesmo os que conhecem poucos desenhos-palavras.

Como existem muitos tipos de pessoas diferentes no ser, ter e viver, ele ficou com medo-vergonha de deixar as coisas marcadas, definitivamente, na superfícies do papel. O pensamento muda e as coisas marcadas nas superfícies não... dependendo da superfície e de como são marcadas e guardadas.

Como as coisas que o nab" estava pensando estavam marcadas e guardadas nele mesmo - por dentro - e ele estava com coceira no pensamento, foi repetindo os desenhos-palavras na superfície do papel para que outros possam ver e entender como queiram.

E as palavras repetidas foram fazendo uma história repetida.

Assim... (Pellegrini, 1993, p.18-19).

* * *

Está se vendo, portanto, que o livro *Wadubari* é o que resta de um encontro de um Yanomami com um Branco no espaço-tempo mágico. Encontro feito de revelação e de repetição; de revelação falada e repetição escrita, em que ambos afirmam o intuito de testemunhar. Talvez por isso mesmo o texto conserve uma estranha oralidade que nos mantém presos à voz de uma testemunha ocular.

Através dela, ficamos sabendo como era antes da chegada dos brancos e como se deu não o encontro, e nem mesmo o desencontro, apesar de os Yanomami pensarem que os nab"b" fossem espíritos e os Brancos pensarem que os índios eram animais, mas sim o mau encontro, para usar a expressão de La Boétie e de Pierre Clastres. A testemunha conta

como as histórias sobre o começo do contato desembocam em sinais do fim, conta como os Yanomami sentiram na carne o que Valéry descobriu ao constatar que as civilizações são mortais. Orientado por ela, sensível ao seu ponto de vista, o leitor vai percebendo a destruição progressiva se instalando sob a forma de doenças até então desconhecidas, de atitudes e comportamentos humanos incompreensíveis, de objetos irreconhecíveis e perigosos, de máquinas absurdas, de novos feitiços e de remédios inéditos que proliferam em ritmo inferior aos males para os quais foram feitos, de maldades insuspeitadas, de exploração do trabalho, de desarticulações da vida tribal e espiritual que parecem obedecer a uma razão secreta, cujo sentido escapa até ao poder dos xamãs. Ouvindo a testemunha, o leitor vai acompanhando a transformação de homens livres e auto-suficientes em pobres miseráveis e dependentes. Vista da perspectiva dos índios, é assustadora a carga negativa, maléfica, que a sociedade branca tem a oferecer a seus interlocutores. Mau encontro: “tinham boca, orelha e motivos diferentes.” – explica a testemunha. Como poderiam se entender?

Ficaram dois grupos diferentes de pessoas morando no mesmo mundo. Cada um deles precisava de coisas diferentes. Os nab”b” precisavam do ouro que existia enterrado no chão. Os nascidos naquele mundo precisavam dele para viver do jeito que sabem. Precisam dos viventes dos rios, da água limpa, das árvores que dão comida e remédios, precisam dos bichos, precisam dos parentes, dos inimigos tradicionais, dos velhos sabedores das coisas, dos xaborib” (xamãs) que seguram o céu no devido lugar.

O chão dá tudo que os homens precisam. Mandioca e banana ele sempre produz, se bem cuidado. Ouro só uma vez. As pessoas queriam o mundo igual no começo, quando ele foi feito por Omãm. Os nab”b” queriam apenas procurar o ouro e ir embora (Pellegrini, 1993, p.105).

* * *

A relação que os invasores brancos estabeleciam com os índios era de exploração ou de negação do outro, e nesse sentido configuravam a antítese daquela que funde, na voz da testemunha, o Yanomami e Marcos Pellegrini. É que este, quando vai ao encontro dos índios, descobre que eles, ao contrário dos Brancos, cultivam a abertura para o outro. Atento a essa qualidade superior, Marcos Pellegrini se abre, por sua vez.

Diversas passagens do livro registram os gestos e as falas que levam da abertura para o outro, ao encontro. Todas elas possuem a alta intensidade poética que costuma tomar conta de todos os que partilham dessas ocasiões. Mas nada se compara a um episódio emblemático que envolve o indigenista e um Yarimutheri.

O leitor vinha acompanhando a narração da viagem que o nab” Marcos Pellegrini está fazendo, em companhia de dois Mayebutheri, rumo a uma aldeia Yarimutheri. E de repente topa com o momento maravilhoso:

Muita lama no caminho do rio pro Xapono {maloca} no alto da colina - caiu uma chuva rápida. Teve muito movimento, grande, quando chegou o nab”, pela primeira vez andando a pé. Um guerreiro ficou o tempo todo discursando, com um machado no ombro, gesticulando. Se dizia muito contente com a visita, mas sempre com o machado...

O nab” saiu da maloca para mijar e pra ver como era lá fora: o sol indo e a lua vindo, quase cheia. A primeira estrela aparecia no céu... O barulho dos bichos no mato e o de uma cachoeira grande, perto do rio.

O nab” olhava pro céu, pro mato, pra lua, pras estrelas como se fosse pela primeira vez...

O homem olhava pro corpo do nab”, quase dois palmos maior que o dele: mais grosso, coberto de pêlos. Cabelos com uma ligeira cor de fogo. Olhos claros de fantasma -

onde não se pode ver com exatidão a própria imagem refletida como nos olhos que são escuros...

O nab" deslumbrado com o céu, com a floresta.

Ele com os pêlos, com o nab"...

Então o homem perguntou:

- Cunhado, na sua terra o céu continua ainda? Você mora debaixo desse mesmo céu? (Pellegrini, 1993, p.75-76).

* * *

A voz do índio está aí, viva, e não representada, em *Wadubari*. Pareceu-me que valia a pena trazer-lhes um pouco de sua intensidade única e convidá-los a ler-ouvir o livro de Marcos Pellegrini. Fica para uma outra oportunidade a gritante atualidade da relação entre bio e sociodiversidade e a importância que ela vai assumir. Nem por isso, a meu ver, foi descartado o título de minha intervenção, *O Índio e o Nosso Futuro*.

Claude Lévi-Strauss disse uma vez que o dia em que os povos primitivos do mundo desaparecerem por completo será terrível, pois sem o outro não teremos mais como saber quem somos. O antropólogo evidenciava, assim, que a existência dos índios, não a sua sobrevivência, era vital não só para eles, mas também para nós. Não há futuro para nós se os índios também não têm um futuro. Disso sabem muito bem os Yanomami, como lembra o depoimento do pajé Davi Kopenawa Yanomami no Senado, em 1990:

Não queremos morrer. Nós queremos ficar numerosos. Mas agora que os garimpeiros nos viram e se aproximaram de nós, apesar do fato de Oname ter guardado o ouro embaixo da terra, eles estão retirando grandes quantidades dele, cavando o chão da floresta. Por isso, agora a *xawara* cresceu muito. Ela está muito alta no céu, se alastrou muito longe. Não é só o yanomami que morre. Todos vamos morrer jun

tos. Quando a fumaça encher o peito do céu ele vai ficar também morrendo, como um yanomami. Por isso, quando ficar doente o trovão vai se fazer ouvir sem parar. O trovão vai ficar doente também e vai gritar de raiva, sem parar, sob o efeito do calor...

Assim o céu vai acabar rachando. Os pajés yanomami que morreram já são muitos, e vão querer se vingar... Quando os pajés morrem, os seus **hekurabê**, seus espíritos auxiliares, ficam muito zangados. Eles vêem que os brancos fazem morrer seus pajés, seus "pais". Os **hekurabê** vão querer se vingar, vão querer cortar o céu em pedaços para que ele desabe em cima da terra: também vão fazer cair o sol e quando o sol cair, tudo vai escurecer. Quando as estrelas e a lua também caírem, o céu vai ficar escuro. Nós queremos contar tudo isso para os brancos, mas eles não escutam. Eles são outra gente, e não entendem. Eu acho que eles não querem prestar atenção. Eles pensam: "Essa gente está simplesmente mentindo." É assim que eles pensam. Mas nós não mentimos. Eles não sabem destas coisas. É por isso que eles pensam assim... (Kopenawa Yanomami, 1990, p.12).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KOPENAWA YANOMAMI, D. Xawara: o ouro canibal e a queda do céu (depoimento), In: *Yanomami: A todos os povos da terra*. São Paulo: CCPY-Cedi-Cimi-NDI, Ação pela Cidadania, jul. 1990.
- PELLEGRINI, M. *Wadubari*. São Paulo: Marco Zero, 1993.
- REZENDE, D. Notas explicativas o lo que se dice en las entrelíneas, Presentación a Pellegrini, M.A. *Wadubari*, Col. Testimonio, La Habana: Ediciones Casa de las Américas, 1991. Trad. de Julia Calzadilla Núñez.